

## COSTA LIMA E AS VOLTAS DO “CONTROLE DO IMAGINÁRIO”

Luiz Costa Lima. *Trilogia do controle. O controle do imaginário. Sociedade e discurso ficcional. O fingidor e o censor*. 3. ed., rev. Prefácio de Hans Ulrich Gumbrecht. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

Um núcleo pequeno de ideias relativamente simples foi o que suscitou a Luiz Costa Lima o amplo esforço teórico e crítico agora reunido em *A trilogia do controle*, num só volume. O que tinha começado como uma tentativa de repensar a *mimesis* e seu abandono na modernidade conduziu, de início, à hipótese de que, desde o Renascimento, o tipo de razão triunfante no Ocidente submetera o discurso ficcional a regras estritas de legitimação, em áreas bem delimitadas da experiência social, a fim de, nos termos do autor, “domesticar” a ficção e seus potenciais efeitos disruptivos. Em seguida, verificou-se como essa vigilância se desenvolvera e se aperfeiçoara paralelamente à emergência da concepção moderna de sujeito unitário e estável. Este, por sua vez, fixara-se à sombra do primado da realidade, como referente exterior para suas representações sobre a vida e o mundo.

É difícil reconstituir o traçado original dessa espécie de ideograma dos constrangimentos do discurso ficcional nos tempos modernos, sem transmitir a impressão errada de um procedimento em linha reta, do tipo hoje quase obrigatório na academia, por ser, além de mais fácil, mais dócil diante dos mecanismos de financiamento e de seus correlatos modos de controle sobre a produção universitária no país. As balizas da pesquisa que firmou a celebridade de Costa Lima se impuseram “em processo”, à medida que o autor avançava numa série de investigações aparentemente erráticas, ora mais teóricas, ora mais empíricas, por meio das quais foi abrindo o “caminho de uma questão”, em território até então inexplorado. As crônicas medievais de Fernão Lopes, as narrativas românticas de Chateaubriand e Stendhal, os tratados de poética renascentistas, a ascensão do discurso historiográfico oitocentista, a

consolidação do conceito moderno de “literatura” ou sua teorização pelos primeiros românticos alemães, mais as estadias exploratórias sobre as obras de Machado de Assis e Euclides da Cunha – são os principais temas diretamente envolvidos e elaborados, a contrapelo dos estímulos oficiais à especialização.

Um primeiro resultado apareceu em *O controle do imaginário* (1984, reeditado em 1989).<sup>1</sup> A reflexão continuou em *Sociedade e discurso ficcional* (1986), cuja “Nota introdutória” esclarecia que, se o volume anterior tinha estabelecido “as premissas mais amplas”, este vinha “estreitar suas malhas” e “precisar melhor seus princípios condutores”.<sup>2</sup> O escopo inicial ressurgia agora mais alargado, com um ensaio sobre a travessia do “veto à ficção” para o Novo Mundo. O leitor então saltava do século XVI direto para o XIX e para princípios do XX, a bordo das indagações do autor sobre as relações entre literatura e sociedade na América Hispânica. A questão do sujeito ganhou um relevo maior, numa exploração dos discursos autobiográficos, bem como a da história, com o enfrentamento da obra incontornável de Erich Auerbach. No mesmo livro, destacavam-se dois capítulos mais combativos (embora não menos rigorosos do ponto de vista da argumentação, e sem concessões ao mero polemismo): um sobre a primazia da “documentalidade” na literatura, como legitimação por via de uma suposta (e restritiva) “verdade” exterior; o outro sobre o descarte de um horizonte comunicativo pelas vanguardas do século XX e seus teóricos. Ficou para um terceiro volume, *O fingidor e o censor* (1988),<sup>3</sup> a percepção mais nítida de que o “controle do

1 COSTA LIMA, Luiz. *O controle do imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1984; *O controle do imaginário. Razão e imaginação nos tempos modernos*. 2. ed., rev. e ampl. Prefácio de Hans Ulrich Gumbrecht. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

2 COSTA LIMA, Luiz. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 11.

3 COSTA LIMA, Luiz. *O fingidor e o censor: no Ancien Régime, no Iluminismo e hoje*. Rio de Janeiro: Forense, 1988.

imaginário” tivera uma etapa inicial de cunho religioso, debaixo de garantias oferecidas pelo Estado absolutista, para em seguida passar a ser dirigido pelo paradigma da ciência. É significativo que o mesmo livro, depois de uma longa discussão da razão iluminista, especialmente a partir do legado de Diderot, desloque-se para um extremo oposto da modernidade, ao se debruçar sobre a obra de Jorge Luis Borges, a qual permitiria ao teórico vislumbrar uma derradeira reviravolta, com a possibilidade surpreendente de uma ficção que se emancipa só para – recaindo na vocação controladora do Ocidente – tornar-se ela própria a fonte de um novo controle, instalador do texto como máquina autônoma e automática de significações. No último capítulo, o autor discutia o desconstrucionismo de Jacques Derrida e buscava saídas originais para seus impasses.

Só então Costa Lima pôde verificar que tinha completado o tríptico que agora ressurgiu em volume único, revisto e rearranjado quase vinte anos depois da segunda edição do livro inaugural da sequência. Este, em 1989, vinha acrescentado de um “Pós-escrito”, com “uma espécie de mapa compreensivo dos capítulos dos três livros”,<sup>4</sup> o qual ia descobrindo as afinidades e os pontos de contato entre tantas empreitadas, de maneira a descrever três subconjuntos (a poetologia do Renascimento e o controle religioso; o Iluminismo e o controle científico; e a situação contemporânea) e duas orientações gerais (os capítulos de ordem teórica e os de caráter monográfico). A terceira edição reunida faz remanejamentos que seguem algumas indicações do “mapa”: em *Sociedade e discurso ficcional*, o capítulo “Literatura e sociedade na América Hispânica” passa a ser seguido por “Conquista e controle na América Hispânica”, que antes pertencia a *O fingidor e o censor*; este, em troca, ganha dois capítulos que antes apareciam no livro anterior, sobre Auerbach e sobre as vanguardas

do século xx. Dois textos foram suprimidos: de *O controle do imaginário*, o ensaio sobre Euclides da Cunha (tema desenvolvido mais extensivamente pelo autor em outro livro, *Terra ignota*);<sup>5</sup> de *O fingidor e o censor*, a discussão já ultrapassada sobre Derrida.

Hoje, é impossível reler a *Trilogia do controle* desconsiderando a enorme produção posterior de Costa Lima, continuada em livros como *Limites da voz* (1993), *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000) e *História. Ficção. Literatura* (2006).<sup>6</sup> Em cada um deles, é como se o autor ainda trilhasse o “mapa” do *Controle*, aprofundando-se em vias antes abertas pela sua virada decisiva dos anos 1980, mas extrapolando suas conclusões iniciais e levando-as a uma complexidade sempre maior. “Em tudo que tenho feito”, afirma ele numa nova “Nota introdutória”, “continuam centralmente presentes as questões da *mimesis* e do controle, mesmo que tenha o cuidado em não reduzir meus interesses a elas”.<sup>7</sup> O movimento teórico de Costa Lima – já é possível afirmá-lo – desenvolve-se de um modo topológico, não linear. A observação não deixa de ser pertinente, num sentido muito claro: não seria obedecendo à linearidade característica dos tempos modernos que o autor chegaria a desnudá-los de maneira tão flagrante e inesperada, não só quanto à vigilância que impuseram à ficção, mas também quanto ao empenho em estabilizar a imagem do sujeito autocentrado e firmar o primado dos fatos incontestáveis e da ciência.

Entretanto, pode-se localizar um ponto de partida específico na questão da *mimesis* muito cedo reproposta por Costa Lima, não como reprodução de semelhança, e sim como “produção de diferença” a ser

5 COSTA LIMA, Luiz. *Terra ignota. A construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

6 COSTA LIMA, Luiz. *Limites da voz. Montaigne, Schlegel, Kafka*. 2. ed., rev. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, 2 v; Rio de Janeiro: Topbooks, 2005; *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000; *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

7 COSTA LIMA, Luiz. *Trilogia do controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, p. 21.

4 COSTA LIMA, Luiz. Pós-escrito à 2. edição. In: *O controle do imaginário*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1989, p. 269.

inscrita num horizonte de expectativas socio-historicamente demarcadas, que a põe em ação efetivamente. Tal foi o viés adotado pelo autor já antes de *O controle do imaginário*, em *Mimesis e modernidade* (1980)<sup>8</sup> – que vem a ser um primeiro trabalho de fôlego realizado sob o impacto de sua aproximação aos teóricos alemães das estéticas da recepção e do efeito (mais notadamente Wolfgang Iser), depois de abandonar seu anterior alinhamento estruturalista. A nova vizinhança teórica marcou em definitivo a contribuição de Costa Lima dentro do variado campo do pós-estruturalismo; sua maior originalidade está sem dúvida fundada na reproposição da *mimesis* e na decorrente hipótese do “controle do imaginário”, mas é a ascendência da teoria do efeito recepcional que o afasta de influências cada vez mais fortes, como as de Jacques Derrida, Michel Foucault e Gilles Deleuze.

Não sendo um reacionário, e sabendo reconhecer a importância desses pensadores dentro do seu universo de preocupações (sobretudo quanto à constituição do sujeito), Costa Lima aparece diante deles como uma voz destoante. A divergência fica mais clara e se desenvolve de modo mais aprofundado em *Mimesis: desafio ao pensamento*, em que o autor formula conceitos próprios de “sujeito fraturado” (por oposição ao unitário, propagado pelos tempos modernos) e de “representação-efeito” (por oposição à noção de representação como reprodução de um referente exterior, sob o comando do sujeito autocentrado). Não é aqui o espaço para uma descrição pormenorizada dessa argumentação, mas pode ser o bastante dizer que a “representação-efeito” atualiza, dentro de um horizonte de expectativas intersubjetivo, a “diferença sobre um fundo de semelhança” produzida pela *mimesis*, que assim se acrescenta ao mundo. Seria impraticável elaborar essa tese sem levantar objeções àquilo que o autor

denomina a “estética antirrepresentacional” de Deleuze.<sup>9</sup> O tema principal da crítica – muito pouco difundida, já que os estudos literários no Brasil permanecem um tanto amarrados ao paradigma documentalista do extremo oposto – é a relação entre linguagem e realidade, para a qual Costa Lima rejeita qualquer solução simplificadora. “Considerar a realidade um *flatus vocis* ou um subproduto da linguagem equivale a simplesmente inverter o determinismo cientificista do século XIX”, argumenta o teórico.<sup>10</sup> Daí seu desconforto com a “intransitividade” da “lógica da sensação” postulada por Deleuze. A *mimesis* “de mão dupla” reproposta por Costa Lima<sup>11</sup> requer a partilha de um mundo comum, não para ser espelhado, mas sobre o qual possa atuar (sendo precisamente tal atuação o objeto mais específico do “controle do imaginário”). É desde um ângulo que privilegia o recepcional e a efetividade que o autor pôde esboçar uma alternativa “transitiva”, embora nunca meramente referencial nem subordinada a nenhum primado do real; por exemplo, ao dizer que a *mimesis* “envolve mais do que percepta”,<sup>12</sup> ou, sobre o efeito de verossimilhança, que “algo ali capta o real”<sup>13</sup>

Relendo então a *Trilogia* na ciência do que veio depois e tão de dentro dela se gerou, é intrigante que o remanejamento de capítulos tenha deixado por último exatamente aquele que contém uma primeira versão da crítica de Costa Lima a Deleuze, quando o teórico brasileiro se baseava em André Green e no conceito de “psicose branca” para argumentar que “a interdição das representações termina comprometendo a própria existência do sujeito, ao torná-lo incapaz de elaborar a alteridade”,<sup>14</sup> ou ainda – num lance

9 Cf. COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis: desafio ao pensamento*, op. cit., p. 329-64.

10 Ibidem, p. 246.

11 Ibidem, p. 11, 25 e 328.

12 Ibidem, p. 350.

13 COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*, op. cit., p. 228.

14 COSTA LIMA, Luiz. *Trilogia do controle*, op. cit., p. 803.

8 COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis e modernidade (Formas das sombras)*. Rio de Janeiro: Graal, 1980; 2. ed. atual. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

lamentavelmente profético – que o descarte da representação poderia “dar armas para o elogio de uma sociedade em que a ausência do ‘eu’ individualizado apenas corresponde a uma massa amorfa de conjuntos catalogados, de vozes eletronicamente estimuladas”.<sup>15</sup> Que significaria a decisão de encerrar assim a nova edição da *Trilogia*? Seria uma tentativa de submeter sua dispersão topológica a uma linha reta, incorrendo numa espécie de teleologia que apontasse para as obras posteriores? Uma palavra basta para nos desviar dessa hipótese e nos atirar de novo à topologia do “mapa”: *obsessão*. Foi acrescentada à frase final do ensaio (que passou a ser a frase final da obra inteira): “(...) obsessão e muito de cegueira são exigidos para que se navegue contra a corrente”.<sup>16</sup> É agora um eco da frase inicial da trilogia, interrogativa: “Que fazer se, no curso da vida, uma questão nos envolve e obseda?” Obsedar, obcecar (cegar), virar obsessão – estamos na zona do assédio. Em vez da linha reta, a coincidência de termos nos faz pensar em ciclo – no retorno ao ponto de partida, rumo a novos recomeços e a outros horizontes. Obcecado, o teórico não pode resistir a “tatear” ao redor, avançando em volta. Tal procedimento, ao contrário de alguma estratégia pensada de antemão, também envolveu muito de circunstancial, por um lado, e muito de existencial, por outro. É o que se conclui do relato que faz o próprio autor acerca de seus trajetos intelectuais, na nova “Nota introdutória” da *Trilogia*: “É provável que muitas existências tracem uma linha reta ou quase sem desvios. Não foi o que se deu com a minha”.<sup>17</sup>

Costa Lima não é de jeito nenhum amigo dos caminhos retilíneos, como fica evidente no seu texto sobre a “domesticação do ficcional”: “Em nosso viver pragmático”, afirma, “tendemos a *congelar* a mobilidade do ‘eu’, procuramos enrijecer a dispersão de

nossas pulsões, exercemos tal censura que, quando temos êxito – e que êxito infeliz! – nos tornamos homens *retos*”<sup>18</sup> As voltas do “controle do imaginário”, assim, continuam produzindo desvios e ramificações, quando menos como uma atividade vital e sempre revigorante no trabalho de um teórico que já definiu a velhice como “a repentina percepção de que é reto o caminho”.<sup>19</sup>

---

**Sérgio Alcides** (Rio de Janeiro, 1967) é doutor em História Social (USP) e mestre em História Social da Cultura (PUC-RJ); autor de *Estes penhascos: Cláudio Manuel da Costa e a paisagem das Minas* (São Paulo: Hucitec, Col. Estudos Históricos, 2003), e professor convidado do Curso de Especialização em Cultura e Arte Barroca do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, da Universidade Federal de Ouro Preto (IFAC, UFOP).

<sup>15</sup> Ibidem, p. 804.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 812.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 452, grifos do autor.

<sup>19</sup> COSTA LIMA, *Mimesis: desafio ao pensamento*, op. cit., p. 11.